



UCRÂNIA

UM POVO QUE CARREGA A SUA CRUZ

A Igreja na Ucrânia é uma luz no meio da escuridão.

Na recente viagem que a Fundação AIS fez à Ucrânia, conhecemos mulheres e homens que sofreram terrivelmente. Todos os dias, padres, religiosas e leigos dão a sua vida para aliviar o sofrimento deste povo. Nesta dolorosa Via Sacra que estão a percorrer, dão-nos um tremendo testemunho de fé.

A Fundação AIS quer dar um rosto a estas pessoas e partilhar o seu testemunho com todos, para que o mundo não esqueça este país martirizado, para que a ajuda não acabe e para que o povo Ucrainiano não fique sozinho.

Rezemos pela Ucrânia, rezemos pela paz!

“NÃO NOS ABANDONEM!”



Directora AIS Portugal

Catarina Martins de Bettencourt

Presidente ACN Internacional

Regina Lynch

Redacção e Edição

Ana Vieira e Paulo Aido

Assinatura anual: 5,00€

Periodicidade: 8 edições anuais

Impressão: Gráfica Almondina

ERC: 119560 ISSN: 0873-3317

Membro: Associação de Imprensa
Inspiração Cristã

Propriedade: Fundação AIS

Rua Prof. Orlando Ribeiro, 5-D,
1600-796 Lisboa

NIF: 505 152 304 | **Tel:** 217 544 000

fundacao-ais@fundacao-ais.pt

www.fundacao-ais.pt

IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8

MB WAY 918 125 574



“Curar as feridas da guerra”

Catarina Martins de Bettencourt
Directora da Fundação AIS Portugal

Queridos amigos,

No dia 24 de Fevereiro assinalaram-se dois anos da invasão da Ucrânia. Dois anos já desta irracionalidade humana, de morte e de destruição que provocou a fuga de milhões de pessoas da sua terra, maioritariamente mulheres e crianças.

A Fundação AIS mobilizou-se de imediato, a nível internacional, para auxiliar o trabalho da Igreja no apoio às populações. Conventos, seminários e igrejas abriram as suas portas às famílias que fugiam do conflito, tornando-se lugares onde se pode chorar e curar os traumas. A Fundação AIS fez parte desse esforço de acolhimento através do apoio de mais de 600 projectos, com bens essenciais de subsistência, geradores, aquecedores, fornos portáteis, automóveis e minibus – indispensáveis, por exemplo, para a distribuição da ajuda de emergência –, mas também equipamentos para a renovação de cozinhas, nomeadamente em mosteiros e paróquias que passaram a acolher, por vezes, centenas de pessoas, e incluindo o financiamento da construção de 11 centros de auxílio psicológico e espiritual. Nada faltou.

Recentemente, uma equipa internacional da Fundação AIS visitou a Ucrânia, não só como sinal de solidariedade, mas também para ver no terreno o trabalho concreto da Igreja que está a ajudar um povo exausto, mas determinado a não desistir. Encontrámos um país absolutamente em choque. Sentem-se esquecidos pelo resto do mundo, mas prometemos que contaríamos as suas histórias e que não os esqueceremos.

Neste Boletim, dizemos-lhe de que maneira, através da Igreja local, pode contribuir para curar as feridas da guerra de uma população muito traumatizada. A Igreja permanece incansável junto do seu povo, socorrendo milhares de pessoas, e oferecendo apoio psico-espiritual a doentes, feridos e familiares de falecidos, partilhando com eles o trauma do horror da guerra. Mas este trabalho não será possível sem a ajuda de cada um de nós. **Não os podemos abandonar!**

Que os nossos irmãos na Ucrânia sejam uma parte importante da nossa Quaresma. A nossa ajuda, jejum e oração irão aliviar o seu sofrimento. Ajude-os a levar a sua cruz!

Desejo-vos um Santo tempo Quaresmal e Pascal,

Catarina Martins de Bettencourt

P.S. Ao doar 0,5% do seu IRS estará também a ajudar a Fundação AIS no seu trabalho juntos dos Cristãos perseguidos e necessitados em mais de 130 países. Obrigada!

A vossa ajuda...

Renúncia pela Ucrânia

Paz e Bem! Estão de parabéns por todo o trabalho que têm feito durante vários anos em prol das pessoas mais carenciadas e que tanto sofrem por gentes que os atormentam e perseguem. Quantos sofrimentos no mundo inteiro. Peço a Deus que lhes dê força e ânimo para suportar tão duros tormentos e que envie o Espírito Santo sobre o mundo inteiro e que os que só pensam fazer mal aos outros tomem o uso da razão e se convertam e amem Deus Nosso Pai e a Santíssima Trindade. Envio a minha ajuda para a Ucrânia que tem sido tão maltratada. Tem sido um horror como aquela gente tem sofrido. Despeço-me com elevada consideração e estima.

Benfeitora do Fundão



© Ismael Martinez Sanchez/ACN

11 Consignação de 05% do IRS / Consignação do benefício de 15% do IVA Suportado

Entidades Beneficiárias

- 1101 **Instituições religiosas (art.º 32.º, n.º4, da Lei n.º16/2001, de 22 de junho)**
- 1101 Instituições particulares de solidariedade social ou pessoas coletivas de utilidade pública (art.º 32.º, n.º6, da Lei n.º16/2001, de 22 de junho)
- 1102 Pessoas coletivas de utilidade pública de fins ambientais (art.º 14.º n.ºs 5 e 7, da Lei n.º 35/98, de 18 de julho)
- 1103 Instituições culturais com estatuto de utilidade pública (art.º 152. do CIRS)

NIF

505 152 304

IRS

IVA



Visita ao cemitério Lychakivski, em Lviv, acompanhados pelo Padre Oleg Salomon, capelão militar

“**R**egressámos com a alma congelada”, foram as primeiras palavras proferidas pela equipa da Fundação AIS após a recente visita às comunidades cristãs na Ucrânia. “Percebemos nos nossos irmãos o horror de viver em guerra. O que vimos nos olhos dos nossos irmãos foi o inferno que significa viver numa guerra aberta, uma guerra que não tem vislumbre de terminar. Profundas feridas no corpo e na alma.”

Não há pessoa que não tenha perdido o marido, filho, pai, irmão, sobrinho ou um amigo, nestes dois anos de guerra, ou que não tenha alguém próximo a lutar na frente de combate sem saber sequer se está vivo. Quantos familiares e amigos estão desaparecidos e quantos corpos sem vida não foram recuperados...

A dor das viúvas, das mães, das crianças, é indescritível. Além de sofrerem graves traumas pelo ruído dos bombardeamentos e pela violência que testemunharam, têm de continuar a sobreviver num ambiente onde as questões sobre o mal, a morte, o ódio, o horror, a justiça, a vingança... gritam e nunca desaparecem.

No cemitério Lychakivski, em Lviv, jazem as últimas 600 vítimas da frente de batalha. Todos os dias chegam novos caixões. O silêncio é avassalador e a temperatura de 8 graus abaixo de zero afunda-nos num estado de tristeza absoluta. Como-ve-nos ver os sacerdotes a chorar com o

seu povo. Esta guerra ocorre impiedosamente e sem tréguas no leste do país, na fronteira com a Rússia.

No entanto, todo o país sofre também com outra guerra silenciosa, invisível. Todos os Ucrânios sofrem as feridas psicológicas de um absurdo interminável. Com um realismo impressionante, a Igreja na Ucrânia decidiu impulsionar um grande programa abrangente em todas as dioceses do país para a cura de traumas e para ajudar as viúvas e órfãos a seguir em frente. **Trata-se da formação de padres, religiosas, professores e leigos para ensiná-los a melhor forma de acompanhar a população e curar as suas feridas psicológicas pela guerra.**

“

Se deixarem de falar em nós, deixaremos de existir.”

D. Sviatoslav Schevchuk
Líder da Igreja Greco-Católica

O Padre Oleg Salomon, que também é capelão e psicólogo na Arquidiocese de Lviv, trabalha incansavelmente ao serviço dos que sofrem com estes traumas e, como todos os outros padres do país, reconhece que é um trabalho muito difícil.

“*Sempre me perguntam: Porquê? Porquê o meu filho? Há muita raiva e muita dor*”, explica. A procura por esta ajuda não pára de aumentar. Os padres e religiosas aprendem psicologia, embora muitos deles também tenham de fazer terapia depois de ouvir tanta dor.

Estamos empenhados em continuar a nossa ajuda.

PODEMOS CONTAR CONSIGO?

UCRÂNIA

Em números

80% da população está ferida física ou psicologicamente



Quase **1/3** da população sofre de problemas mentais (segundo a OMS)



40% dos Ucrânios dependem de ajuda humanitária para sobreviver (segundo a OMS)



6,3 milhões de refugiados e mais de **5** milhões de deslocados internos em dois anos de guerra



Mais de **600** projectos e mais de **15** milhões de € em ajuda para a Ucrânia desde a invasão russa (Fev. 2022)



"A guerra roubou-nos a felicidade"



O Papa Francisco enviou o Cardeal Konrad Krajewski à Ucrânia para manifestar proximidade e apoio



A vida do Padre Andriy mudou com a guerra na Ucrânia. Tal como a de todas as pessoas. Mas este simpático sacerdote, ainda jovem, ajuda agora pessoas traumatizadas, pessoas feridas espiritualmente, pessoas que não conseguem lidar com o ambiente de stress, de violência, perante a iminência de um ataque, de um bombardeamento, perante o medo do sofrimento e da morte. Como é o caso de Nina...

Nina passa os dias à janela do seu apartamento em Kiev. Da sua janela, Nina Zahorodnia só consegue ver prédios enormes, iguais àquele onde vive, torres de betão onde moram também pessoas assustadas, pessoas que facilmente sucumbem às lágrimas. Desde que começou a guerra, desde que começou a invasão da Ucrânia pelas tropas russas, em Fevereiro de 2022, que é assim.

Nina só pensa no pior, nos bombardeamentos, na destruição, nas pessoas feridas, nos mortos. É difícil libertar-se dessa armadilha. Ela veio de Kherson, onde ainda está quase toda a sua família. "Kherson é um lugar muito assustador", explica esta mulher já de meia-idade à Fundação AIS. "Todos os dias há mísseis a sobrevoar a região", diz.

Nina não consegue deixar de pensar na sua família que, estando longe, pode ser atingida por um míssil, a qualquer momento, por um dos muitos bombardeamentos russos àquela região. Só de pensar nisso, ela fica doente. E chora. Quando conversou com a equipa da Fundação AIS, as palavras tremeram-lhe ao falar dos pais. "Na minha casa ficaram muitos membros da minha família. A minha mãe e o meu pai. Sinto-me muito triste sem eles..."

O Padre Andriy Bodnaruk conhece bem Nina Zahorodnia. Ela é, no entanto, apenas uma das muitas pessoas que procura socorrer nestes dias de inferno de guerra em que a Ucrânia está mergulhada. Sempre que pode, o Padre Andriy vai ao bairro de Nina. **Às vezes não é preciso dizer nada. A presença basta. Reconforta. "As pessoas traumatizadas vivem em tensão", explica.**

É o caso de Nina e será, quase por certo, o que se passa com todas as pessoas que vivem em Kiev, que vivem em Kherson, que vivem em todas as cidades ucranianas. Quando menos se espera, a guerra pode regressar com todo o seu pavor e ninguém consegue ficar indiferente a isso. É um medo que pode paralisar. Que destrói. "Esta guerra roubou-nos a felicidade, a alegria simples das pessoas. É por isso que a Igreja está à procura de modelos diferentes para ensinar aos padres como comunicar, como falar, como curar estas feridas", explica o sacerdote à Fundação AIS.

A guerra não parece, no entanto, assustar o Padre Andriy. É um padre incansável procurando ser útil, procurando estar presente junto dos que mais precisam de ajuda, dos que mais precisam de um ombro amigo, de uma palavra de conforto. O seu rosto é cada vez mais conhecido em Kiev, a capital ucraniana.



Olga, viúva de guerra, perdeu o marido para um míssil russo no Donbas. Ele quis juntar-se ao exército voluntariamente para defender o seu país e a liberdade. Ela cuida do seu filho de 5 anos e ainda não conseguiu um emprego devido ao trauma que sofre. A filha mais velha, de 16 anos, decidiu também alistar-se, como o pai, para lutar pelo seu país. Olga quase não sorri, mas reconhece que a sua estabilidade psicológica e espiritual depende em grande medida do seu padre, um capelão militar.

"Sem os padres, sem a minha comunidade, não estaria de pé", diz-nos Olga.



Veja o vídeo aqui
ou em www.fundacao-ais.pt

Padre Andriy a celebrar a Missa com
alguns paroquianos num bunker

Ao longo destes dois anos de guerra, o Padre Andriy Bodnaruk tem visitado pessoas, famílias inteiras nas suas casas, mas também soldados que estão longe, em postos de controle, por exemplo.

Tem celebrado Missas em abrigos, até no metro, e tem organizado actividades para distrair as crianças do ambiente de guerra. Não é raro vê-lo a usar por cima da sua batina negra, que o identifica como padre, um colete à prova de bala.

É assim, quase parecendo um soldado, que tem visitado as pessoas que estão nos abrigos antiaéreos e é com ou sem o colete à prova de bala que visita os seus paroquianos, que lhes leva a comunhão e também alimentos e bens essenciais para a sobrevivência do dia-a-dia. Produtos que são, tantas vezes, adquiridos

por ele com os donativos recebidos da Fundação AIS.

Esta é uma guerra total, que não deixa ninguém de fora, nenhum sector da sociedade. Nem sequer a Igreja. *“Esta guerra vai chegar às igrejas, através dos nossos soldados ou das pessoas que estiveram sob a ocupação. E temos de estar preparados para isso”*, explica.

É preciso estar à altura dos acontecimentos. É isso que o Padre Andriy procura fazer todos os dias.

O Padre Andriy Bodnaruk nunca sabe quanto tempo vai demorar a visita. Pode ser breve, para um olá, ou pode demorar o tempo necessário para enxugar as lágrimas, para sossegar o espírito, para dizer que, apesar da guerra, está tudo bem.

A força do Pe. Andriy, confessa-nos ele próprio, vem da Cruz, vem do exemplo de Cristo, que também sofreu, que também foi um deslocado, que também foi um exilado. E que nunca abandonou o seu povo. Andriy Bodnaruk é um dos muitos sacerdotes que a Fundação AIS apoia directamente neste momento tão difícil da vida da Ucrânia.



D. Vitaliy, Bispo da Diocese de Kiev-Zhytomyr, dá apoio psicológico e espiritual na linha da frente

Ajude a

CURAR AS FERIDAS
do povo da Ucrânia,
apoiando projectos
como estes:

➔ “A cura das feridas em tempos de guerra” é um programa educativo abrangente para que padres, religiosas e leigos aprendam a tratar a síndrome de stress pós-traumático

121.000 €

➔ Curso de formação psicológica para padres e religiosas na linha da frente em Kharkiv e Zaporíjia, sobre “Como falar com os soldados e suas famílias”

2.500 €

O banquete dos pobres



Sopa quente, café, pão. Talvez mais alguma coisa. À porta da casa amarela dos Irmãos Albertinos, em Lviv, há sempre alguém à espera, há sempre uma mão estendida. A casa amarela é bem conhecida em toda a cidade. A guerra na Ucrânia veio aumentar ainda mais o número dos pobres, dos sem-abrigo, dos que precisam de ajuda para sobreviver. Os tempos estão muito difíceis, mas a porta continua sempre aberta para, como nos diz o Irmão Bernard, “mostrar que a vida é mais forte do que a morte” ...

A fila é grande. São homens e mulheres a quem, por vezes, já se perdeu a idade. São pessoas com olhares gastos, cinzentos, apagados. São pessoas com os rostos enrugados, com vidas duras. Muitos são sem-abrigo, outros, tendo casa, nada têm para comer.

O Irmão Bernard é um destes homens consagrados que assumiram a missão de olhar pelos últimos da sociedade. A fila à porta da casa amarela dos Irmãos Albertinos, em Lviv é sempre longa. **Mas desde que a guerra**

começou na Ucrânia, com a invasão das tropas russas em 24 de Fevereiro de 2022, que tem aumentado o número dos que procuram ali sossegar o estômago, nem que seja apenas com uma sopa e um pedaço de pão. No Inverno, quando as temperaturas ficam escandalosamente muitos graus abaixo de zero, parece que se acentuam ainda mais os sinais que identificam os pobres e os indigentes de Lviv.

O frio empobrece as pessoas. É por isso que lá dentro da casa dos Irmãos Albertinos o vapor do quente da panela da sopa ou o aroma do café parecem, para quem está cá fora na fila, uma verdadeira promessa de banquete.

O Irmão Bernard conhece a maior parte dos que acorrem ao abrigo desta congregação. Apesar disso, apesar de estar ali há anos a fazer todos os dias quase sempre os mesmos gestos, a distribuir comida, a

sossegar a fome, o seu olhar ainda se comove com a miséria, com os que não têm nada, com os que vivem na maior indigência. Esses, que são os últimos da sociedade, são a razão de ser destes irmãos.

“

Eles próprios são como uma equipa de emergência, de primeiros-socorros.”

Irmão Bernard

É para eles que trabalham, que se levantam todos os dias, é para eles que mobilizam boas vontades para terem sempre pelo menos uma panela a fumer ao lume. É para eles que vivem. *“O homem da rua, com problemas, alguém que está com frio, alguém que passa fome, é o nosso dia-a-dia. É para isso que estamos aqui”*, explica-nos.

A maior parte dos que fazem fila à porta da casa amarela dos Irmãos Albertinos são pessoas com graves problemas sociais ou que fugiram da guerra e precisam de ajuda para sobreviver. Todos sabem que ali são acolhidos, que são bem acolhidos.



É o caso de Volodymyr Mack. A tal ponto que Volodymyr agora tornou-se voluntário e tenta retribuir a ajuda que lhe deram, ajudando outros que, como ele, também sentiram a vida madrastra. *“Ajudo em tudo o que é preciso fazer”*, contou-nos na nossa visita à Ucrânia. Agora, Volodymyr até já pernoita na casa amarela, num quarto com beliches. Sente-se bem. Sente-se seguro. Talvez se sinta mesmo em casa. *“Fiquei mais calmo porque aqui há mais tranquilidade.”*, confessa.



Veja o vídeo aqui
ou em www.fundacao-ais.pt

Os Irmãos Albertinos distribuem sopa quente, comida, café e pão pelos mais pobres e sem abrigo, em Lviv

As sirenes, que anunciam bombardeamentos, que avisam da queda de mísseis, desassossegam todas as pessoas, deixam os nervos em franja. São um som maldito que importa esconjurar, ao contrário do badalar do sino que algum dos irmãos toca, a avisar que a refeição está na mesa. **É o banquete dos pobres. Sopa quente, café e pão.**

“Esperemos que chegue para cerca de 300 pessoas. Esta é uma cadeia de solidariedade onde não pode faltar nenhum elo. Mas nada faríamos sem a Fundação AIS. Sem vós, não existiríamos. Temos de estar ao lado dos oprimidos, devido à situação familiar ou à pobreza, devido à doença mental, ao vício ou à guerra. Temos de os acompanhar, e não abandoná-los, para mostrar que a vida é mais forte do que a morte...”, diz o Irmão Bernard Jerzy Charnucha, que é a alma da casa amarela, onde ninguém fica de fora, onde todos têm lugar à mesa.

A ajuda dos benfeitores da Fundação AIS tem sido crucial para sustentar muitas pessoas e enfrentar enormes necessidades.

CONTINUEMOS A APOIÁ-LOS!

Conventos de portas abertas



Frei Błażej mostra fotografias das vítimas do massacre de Bucha



As Irmãs Bohumila e Bernadeta transmitem segurança

A guerra, destruindo povoações inteiras, forçou multidões a sair de casa à procura de abrigo. E a Igreja, desde o primeiro momento que abriu as suas portas a estes novos deslocados. Foi assim também em Kiev, com os Monges Capuchinhos e com as Irmãs de Nazaré.

Ainda a guerra não tinha começado e já muitas pessoas, antevendo o pior, se fizeram à estrada. “Logo no dia 22 de Fevereiro de 2022, vimos fluxos de pessoas que se dirigiam para Noroeste e um pouco mais tarde havia já ruas completamente desertas. Depois, chegaram os refugiados...”, conta-nos o Frei Błażej, descrevendo o início da invasão. Durante três longos dias, ninguém ousou sair de casa. Também as Irmãs de Nazaré, na propriedade dos Capuchinhos, passaram pelo mesmo e refugiaram-se na cave por baixo da igreja. Em Março, as tropas russas retiraram-se da região. “**Todos os dias, cerca de 500 pessoas estavam junto ao muro à espera que lhes déssemos sopa quente**”, recorda a Irmã Bohumila. Quando não havia electricidade no edifício, recorriam à iluminação pública. Para ultrapassar este problema, além da ajuda

de subsistência, a Fundação AIS ofereceu a cada uma destas comunidades religiosas um gerador eléctrico.

Agora, procura-se que a vida das comunidades regresse o mais possível a alguma normalidade apesar da guerra. A Igreja desempenha também um papel essencial. **Voltaram a realizar-se celebrações, assim como as aulas de catequese, e até o infantário voltou a abrir as suas portas.** Mas a guerra continua presente como uma sombra ameaçadora. Principalmente para os que precisam mais de ajuda. **Todos os meses, 16 mulheres, cujos filhos tombaram na guerra ou estão dados como desaparecidos, participam num encontro. A reabilitação do corpo, da mente e da alma é uma tarefa imensa que só agora está a começar na Ucrânia.**

Dias de medo no orfanato



A Irmã Karmela continua a ter uma voz calma, um olhar sereno e um sorriso bondoso. Mas naqueles dias, em Abril, quando a guerra chegou a Vorzel, foi impossível esconder o medo. No lar onde vive e que acolhe crianças e jovens órfãos, quando escutaram as primeiras explosões, foi o pânico. Todos fugiram para a cave, como se fosse um abrigo. E rezaram. Pouco mais podiam fazer...

Por ali, ninguém tinha alguma vez na vida ouvido o som assustador das bombas. O silvo que elas fazem ao cair, o estrondo da explosão. Mete medo. As crianças do orfanato de Vorzel, uma cidade a cerca de 30 km de Kiev, a capital ucraniana, estavam aterrorizadas. Toda a gente estava aterrorizada.

A princípio, ninguém acreditava que a Rússia fosse mesmo concretizar a ameaça da invasão da Ucrânia. Parecia inverosímil que isso acontecesse em plena Europa, em pleno séc. XXI. Por aqueles dias, em Fevereiro de 2022, pouco antes de se escutarem os primeiros tiros, era indisfarçável a inquietação nas pessoas. Mesmo que não se falasse disso, não se pensava noutra coisa. “Alguns dias antes da guerra começar, ao regressar da escola, as crianças perguntaram-me: ‘É verdade que a Rússia nos quer atacar?’ Eu disse-lhes que não era possível, porque não tinham motivos para nos matar. Afinal de contas, não fizemos nada de mal...” A Irmã Karmela deve ter feito um grande esforço por manter a calma, por manter a serenidade enquanto respondia às suas crianças.

Mas, na verdade, o que todos temiam aconteceu mesmo. Foi no dia 24 de Fevereiro de 2022. Uma data que a história não esquecerá. A invasão da Ucrânia começou e os soldados russos chegaram mesmo a Vorzel.

Vorzel é uma cidade pequena, rural, situada nas imediações de Kiev. Por lá, além do orfanato das Irmãzinhas do Imaculado Coração de Maria, existe também um seminário. Muitas casas foram assaltadas. O orfanato não escapou aos soldados, mas foi no seminário, por ser um edifício maior, que houve mais destruição.



Por ali, nem a imagem de Nossa Senhora de Fátima, tão querida dos jovens estudantes, foi poupada. E o que havia para roubar foi levado. Tudo foi saqueado como se de um troféu de guerra se tratasse. Nada escapou.

Quando se escutaram as primeiras explosões, sinal de que as tropas russas estavam já nas imediações de Kiev, a capital ucraniana, as irmãs pegaram nos seus jovens e levaram-nos para a cave. Era o melhor que podiam fazer para os abrigar. Era o único sítio onde podiam esconder-se das bombas. Nesse momento, a sensação de impotência deve ter sido enorme.

A Irmã Karmela conta à Fundação AIS como tudo aconteceu. “*Foram momentos aterradores. Fomos para a cave, mas não sabíamos mesmo o que fazer, por isso, sentámo-nos lá com eles e rezámos.*” Mas não podiam ficar ali por muito mais tempo. Era mesmo preciso deixar a casa e partir. Os bombardeamentos estavam a intensificar-se e ninguém conseguia estar seguro em lugar algum. “*O Pe. Ruslan telefonou-nos e disse que tínhamos uma hora para pegar nas coisas mais importantes e que nos viria buscar...*” O Pe. Ruslan Mykhalkiv é o reitor do seminário católico de Vorzel, situado ali perto, e que foi atacado e saqueado por soldados russos.

Foi a 12 de Abril de 2022. Era preciso sair dali e depressa. O reitor levou consigo os seminaristas, passou pelo orfanato, e levou também as religiões e as crianças que lá estavam.



Veja o vídeo aqui
ou em www.fundacao-ais.pt

As Irmãs da Sagrada Família têm ao seu cuidado 70 deslocados,
entre eles muitas crianças de que cuidam como seus filhos

A presença dos soldados russos foi curta na região, mas brutal. A cidade de Bucha, situada também na zona de Kiev, foi palco de um verdadeiro massacre, calculando-se que mais de três centenas de pessoas tenham sido torturadas, mutiladas e mortas. Saíram os soldados, regressaram as pessoas.

A Irmã Karmela e os seus rapazes e raparigas puderam voltar a casa. Que também tinha sido assaltada. Desde então, muita coisa mudou em Vorzel, no lar que as irmãs abriram para acolher crianças e jovens órfãos. **Mudou essencialmente a forma de ver a vida, de olhar o tempo, de perceber a importância relativa das coisas. No lar de Vorzel as crianças estão no centro de tudo.**

“

Quero agradecer-vos por nos terem ajudado a comprar os bens mais essenciais para a nossa casa. De coração sincero, muito obrigada!”

Irmã Karmela

É para elas, é por elas que as Irmãs se lançaram nesta aventura de amor.

Estas crianças e jovens tinham vários problemas, psicológicos, mentais. “A nossa casa é, acima de tudo, a família.

Podemos sempre voltar lá. É onde a nossa família está à espera, onde somos amados e aceites. Durante este tempo, aprendemos a não planear nada. Fizemos planos de curto prazo e, quando resultou, agradecemos a Deus”, conta-nos a irmã.

Esta casa transformou-se no verdadeiro lar para estes jovens e crianças, rapazes e raparigas adoptados pelas irmãs. O orfanato de Vorzel das Irmãzinhas do Imaculado Coração de Maria é apoiado pela Fundação AIS. Uma ajuda que a Irmã Karmela não se cansa de agradecer.



A Ir. Teresa com as “suas” crianças refugiadas

Desde Fevereiro de 2022, foi possível oferecer 41 veículos para a Ucrânia. As Filhas do Puríssimo Coração de Maria, que cuidam sobretudo de órfãos, em várias partes da Ucrânia, também precisavam de um. **Desde o início da guerra, as Irmãs recolhem e distribuem bens de primeira necessidade e prestam ajuda psicológica.** A superiora visita regularmente as várias comunidades. Por isso, precisam urgentemente de um veículo para o transporte das irmãs e dos bens. **Podem contar consigo?**

Ajude as religiosas e os sacerdotes para que possam ser

**REFÚGIO E
ESPERANÇA**

para os deslocados, apoiando projectos como estes:

→ Apoio de subsistência para 140 religiosas da Diocese de Kiev-Zhytomyr, ao serviço de crianças e jovens órfãos

70.000 €

→ Ajuda de emergência para 223 padres, Irmãos Albertinos, ao serviço dos mais pobres na Arquidiocese de Lviv

111.500 €

→ Aquisição de um carro para as Filhas do Puríssimo Coração de Maria, que cuidam principalmente de órfãos

15.000 €

O mosteiro de portas abertas



Em Solonka, junto a uma estrada movimentada, existe um mosteiro beneditino. Cá fora, com o ruído dos carros, é difícil imaginar o silêncio dos claustros, do jardim, dos campos de cultivo das irmãs. Mas, desde há algum tempo, esse silêncio foi interrompido pelo riso de crianças e pelas conversas dos adultos que agora vivem por lá. São deslocados, pessoas que fugiram da guerra e que as irmãs acolheram com todo o amor. É o caso de Luba e Vasyli, casados há quase 40 anos e que nem sabiam rezar...

Quando chegaram, Luba Petrivna e Vasyli Pawlovyich estavam assustados. Os cabelos brancos dele e os cabelos brancos dela, que uma coloração artificial não disfarça, revelam que já são, pelo menos, sexagenários. Pouco depois da guerra ter começado na Ucrânia, em Fevereiro de 2022, com a invasão das tropas russas, milhares de pessoas viram, de um dia para o outro, as suas casas serem bombardeadas, serem destruídas.

De um dia para o outro, a artilharia russa desfez vidas, desfez sonhos, reduziu a escombros tudo o que muitas famílias possuíam. De um dia para o outro, milhares de pessoas como Luba e Vasyli tiveram de se fazer à estrada à procura de abrigo, praticamente com a roupa que traziam vestida. Passaram a ser deslocados dentro do próprio país.

Então, estas religiosas contemplativas optaram por algo absolutamente radical: abrir as portas do mosteiro, privando-se do silêncio e da solidão, para acolherem pessoas que fugiam

por causa dos combates, da violência, da guerra. Desde que começou a invasão das tropas russas, já dezenas de famílias passaram pelos claustros das Irmãs de Solonka, na região de Lviv. “É assim que vemos a nossa missão agora”, dizia-nos a Irmã Klara.

Entretanto, já passaram muitos meses, mas nada mudou nessa vontade, nessa decisão radical das irmãs. Acolher os que chegam, recebê-los de braços abertos, dar abrigo a estas famílias em sofrimento, confortá-las... passaram a ser palavras comuns nos pensamentos destas mulheres consagradas a Deus. “Quando a guerra começou, decidimos unanimemente que aquilo que poderíamos fazer pelas pessoas, pelo país, era abrir as portas do nosso mosteiro a quem fugia da guerra. Há ano e meio que acolhemos refugiados”, relatou-nos a Irmã Bernadette Venglovska.



Muitas pessoas passaram, entretanto, pelo mosteiro. Ao longo de todo este tempo, as irmãs escutaram já muitas histórias, viram o horror estampado nos olhares de quem presenciou a violência da guerra no seu estado mais puro, comoveram-se com as lágrimas dos refugiados.

Os claustros do mosteiro são, agora, o sinal de que por ali vivem outras pessoas que não apenas as irmãs. Há roupa estendida, ouvem-se risos e brincadeiras de crianças, e no refeitório há pessoas comuns, casais, homens e mulheres. São todos hóspedes. As próprias irmãs muitas vezes estão lá, dando comida aos mais pequenos, acarinhando todos estes habitantes improváveis do mosteiro.

Luba e Vasyli fazem parte deste grupo. Eles ajudam nas tarefas do dia-a-dia, para estarem ocupados, mas também como uma forma de agradecimento pela hospitalidade. Hoje, os dois, casados há 37 anos, já conseguem sorrir, já estão serenos. Mas quando chegaram vinham assustados. “Tal como a maioria dos deslocados quando fugiram da guerra, estavam assustados e escondiam-se do mundo”, recorda a Irmã Bernadette.



Veja o vídeo aqui
ou em www.fundacao-ais.pt

A Irmã Bernadette com uma das crianças
que agora vive no mosteiro

Mas tudo mudou com paciência e muito amor. E oração também. “Chegaram aqui e começaram a rezar”; recorda a religiosa beneditina. “Esta família foi uma das primeiras a abrir verdadeiramente o seu coração a Deus”, acrescenta a irmã. Luba confirma estas palavras. E até agradece a Deus terem um dia entrado naquela casa, terem sido acolhidos por aquelas irmãs. As suas vidas transfiguraram-se. “*Graças a Deus que viemos aqui parar. E que nos ensinaram a ser gratos a Deus e a procurar Deus na nossa vida. O meu marido e eu não nos casámos pela Igreja. Para nós, isso não tinha muita importância. Quando aqui chegámos, a este mosteiro, foram as irmãs que nos ensinaram a rezar...*”

Neste momento, a guerra continua e não há perspectivas de qualquer acordo que leve ao fim dos combates. Para Luba e Vasyli o regresso também

é improvável. Vieram de Kramatorsk, na região de Donetsk, uma das mais bombardeadas. O mais certo é a sua casa ter sido já destruída. Tanto para eles como para todos os que vivem no mosteiro, não vale a pena fazer grandes planos. Num país em guerra é sempre uma incerteza prever como vai ser o dia de amanhã.

Para as irmãs, o mais importante é poderem continuar a acolher os que precisam, os que perderam tudo o que tinham, os que precisam até de refazer a própria vida. Para as irmãs, o mais importante é terem transformado o silêncio do mosteiro numa grande casa de Deus.

Elas contam com a generosidade dos benfeitores da Fundação AIS que permite suportar muitos dos gastos relacionados com a presença de tantas pes-

soas, de tantas famílias. Gastos com a energia, com os alimentos, com tudo...

“

Quero agradecer a todos os que nos ajudam e apoiam com a oração. É muito importante nestes tempos difíceis não estarmos sozinhos. Deus faz grandes coisas.”

Irmã Bernadette

E Deus seguramente que estará encantado com este mosteiro beneditino, que tem agora as portas abertas a quem precisa de ajuda...

Ajude as religiosas e os sacerdotes para que possam ser

UM SINAL DO AMOR DE DEUS

para milhares de crianças e famílias, apoiando projectos como estes:

➔ Aquisição de um espaço para organizar actividades para crianças e jovens directamente afectados pela guerra, para sua reabilitação espiritual e psicológica, em Tulsk

250.000 €

➔ Ajuda de emergência para a Diocese de Donetsk, com bens essenciais de subsistência para a população vítima da guerra

62.000 €



Órfãos, viúvas, soldados que regres-
sam da frente de combate e têm de
enfrentar pesadelos, depressão...
Crianças que perderam a fala após a experi-
ência de viver um bombardeamento, mi-
lhares de famílias desfeitas.

Neste cenário tão duro, o papel da Igreja, dos sacerdotes e das religiosas agiganta-se na mesma proporção das dificuldades das populações. Uma das tarefas prioritárias da Igreja passa agora pelo apoio psicológico aos traumatizados da guerra, embora continue a ajuda de subsistência a milhares de famílias.

**O trauma é enorme. Mas a Igreja continua lá.
A carregar a cruz com o seu povo.**



“As feridas desta guerra são muito profundas e dolorosas, e apenas o amor misericordioso será capaz de curá-las. Se o medo e o ódio nos dominarem, seremos escravos deles. Embora o ódio seja normal devido à agressão que sofremos, sucumbir a ele significa que ele vence sobre o meu coração. Não devemos sucumbir a ele, não devemos permitir que ele vença nos nossos corações. A vossa solidariedade pode salvar muitas vidas. Estamos unidos em oração.”

D. Sviatoslav Shevchuk

Agora, a Igreja precisa de se preparar para outra grande batalha, a **batalha do perdão**: a conquista dos corações para o perdão e a reconciliação do seu povo, certos de que o mal nunca tem a última palavra. Nem mesmo nesta guerra na Ucrânia. **Vamos ajudar?**



“A guerra na Ucrânia corre o risco de tornar-se uma guerra ‘esquecida’. No entanto, é nosso dever não permitir que caia no silêncio.”

Papa Francisco, na sua carta a
D. Sviatoslav Schevchuk